

Assembléia Constituinte, recusa-se a tomar posse e instado, esclarece que não estava disposto a ter assento em assembléia rodeada de baionetas e ameaçada de dissolução, palavras que seriam proféticas. Na atividade de imprensa, em Pernambuco, pregou a rebeldia e foi vítima dessa pregação. Preso por duas vezes, a primeira sob o pretexto de que devia, à força tomar posse da cadeira de deputado, permanecendo anos no cárcere, não cessou o seu combate e não concedeu tréguas. Envelhecido, alquebrado, só encerrou a sua tarefa de pregação libertária quando lhe faltaram as forças. O seu instrumento de luta, a imprensa virulenta, em que terçou armas e combateu a reação, não seria um modelo, possivelmente. Suas idéias não se pautariam por normas rigorosas e não veria sempre claro na confusão reinante ao tempo. Era, sem dúvida, uma figura da época, impregnada de seus defeitos e de suas paixões. Mas, em verdade, quanta diferença entre a sua vida tormentosa e o conformismo morno e vazio de Silva Lisboa, beneficiário do poder, de um governo que vinha burlando os interesses populares e traindo os anseios dos brasileiros. A situação fez de Barata modesto mestre-escola de província; de Silva Lisboa fez barão e visconde — e nisso também se caracterizou.

Para compreender a fase em que o pasquim foi a forma dominante da imprensa, é preciso, por outro lado, conhecer o ambiente político em que desenvolveu a sua atividade e em que influiu. Memorialista interessantíssimo mencionou que “durante todo o primeiro reinado, não só nunca Pedro I conseguiu alcançar na Câmara dos deputados uma maioria sua” e que “durante a menoridade ou todo o período regencial quem exclusivamente governou o país foi a câmara dos deputados, e por tal forma que todos os governos desse tempo nada mais foram do que simples executores da sua vontade”, quando, “durante todo o 2º reinado ao passo que não houve um só governo que presidisse a uma eleição, que a não ganhasse, por outro lado, a câmara dos deputados foi constantemente perdendo do seu prestígio e por tal forma, que ultimamente o seu poder, em vez de real e efetivo, como deveria ser, foi pelo contrário se tornando cada vez mais um simples poder de ficção”. Explicando: “A razão de tudo isto não há ninguém que o ignore; e é que, se Pedro I era muito tolo ou antes muito orgulhoso para empregar a corrupção ou mesmo a força, quando ele tinha consciência de que não precisava do povo nem dos seus votos para governar; e que se a Regência era muito fraca, ou antes e com muito mais acerto, era muito patriótica, para que lembrasse de empregar qualquer destes dois meios; o 2º reinado, pelo contrário, não só empregou a corrupção ou mesmo a força, quando ele tinha a consciência de que maquiavélicas; mas quando percebia que não lhe bastavam os meios de corrupção ou todos